

Editorial

Pesquisando os editoriais dos últimos boletins do CCS constatamos que há invariavelmente a menção de atrasos na sua periodicidade pedindo ao leitor uma solícita compreensão do ocorrido. Que a imprensa escrita tem perdido espaço frente à outras formas de comunicação, principalmente a internet, isso lá é verdade. Em que pese a facilidade de acesso aos meios digitais, seu custo quase nulo e sua rapidez de divulgação há de se concordar em partes.

Tomando especificamente o boletim do Centro de Cultura Social, este foi posto em prelo desde a sua reabertura na década de 1980. Mesmo em forma quase artesanal, precária por vezes, era ainda assim um veículo de comunicação eficiente, ansiosamente aguardado pela imensa legião de seus poucos leitores, divulgando as ideias e a programação do CCS durante mais de 20 anos. Mais ou menos em 2000-2001, pouco menos de uma década após o início da internet comercial no Brasil, ainda se tinha menos de 10% da população com acesso à rede, o que fazia essa via ainda um campo de privilegiados. Por isso o CCS ainda tinha como hábito regular e periódico a manufatura e envio por correio de mais de 1000 exemplares de boletins impressos. Com a democratização paulatina, ou barateamento comercial - seja lá o que for - dos computadores pessoais, cada vez mais a informação demandava agilidade, chegando a suplantar definitivamente nessa última década o documento escrito para fins de se fazer saber.

Nas últimas edições do boletim do CCS, a partir de 2006, foi dado então um novo mote: a divulgação de textos e ensaios, com menos ênfase em dar notícia passada - ou futura - porque para a notícia presente o papel impresso já não mais alcançava. Isso até 2011, quando tanto pelas dificuldades de manter uma publicação com um tamanho considerável como também - não se pode negar -, pela diluição da comissão editorial, o boletim do CCS ficou inativo por esses últimos 3 anos.

HISTÓRIA E MEMÓRIA

Por Anna Gicelle Garcia Alaniz

Uma obra historiográfica consiste em tomar um tema, ou um evento, e analisá-lo com base em documentos, à luz de uma teoria de conhecimento. A escrita da História, como a própria palavra historiografia indica, obedece a termos acadêmicos ou toma a forma de crônicas, mas sempre deve ater-se à prova documental. O que varia de teoria para teoria é o modo como o documento é analisado.

No que concerne ao trabalho de Edgar Rodrigues como historiador, suas obras, mesmo não seguindo os termos acadêmicos, remetem-se aos documentos como é devido. Sua concepção teórica de História, que privilegia o indivíduo como sujeito, segue rigorosamente ancorada em acervo documental e depoimentos orais. E é nesse ponto que surge uma das tantas polêmicas envolvendo este autor.

Documentos e memória são materiais profundamente diferentes. Requerem um tratamento diferenciado e uma abordagem igualmente crítica. Entretanto, resultados qualitativos podem ser obtidos de ambas as fontes se abordadas com rigor e cuidado.

Se, por um lado o documento é o resultado da interação humana e como tal deve ser desconstruído e criticado antes de aceitar; por outro lado, os depoimentos orais ancorados na memória do depoente constituem material mais volátil, que nem sempre pode ser cotejado com um equivalente documental para verificação.

Confiamos na memória?

A maioria dos historiadores responderia imediatamente que não, sem sequer entrar no mérito da questão. A memória obedece a princípios que remetem a um arsenal teórico que poucos historiadores dominam. É material inconsistente, volátil e traiçoeiro.

Como historiadora, posso argumentar que Edgar Rodrigues, por lealdade aos velhos companheiros, raramente criticou as memórias que recolheu, reproduzindo-as *ipsis litteris*, com um respeito que beirava a ingenuidade.

Isso acarretou-lhe sérias conseqüências. A academia fechou-lhe as portas e silenciou

estrondosamente sobre sua vasta obra. Embora possamos encontrar ecos de seu trabalho aqui e ali entre a historiografia do movimento operário, Edgar jamais foi respeitado como um igual pelos acadêmicos.

O caráter da memória é intangível porque não (é) estático. Os fatos não se fixam simplesmente em nosso pensamento, senão que voltamos a eles incansavelmente construindo e reconstruindo essa memória de acordo com as voltas que nossa vida dá. À medida que amadurecemos, atribuímos novos significados às nossas lembranças até transfigurá-las de tal maneira, que jamais duas pessoas presentes a um mesmo evento lembram-se deste do mesmo modo.

Isso não significa que alguém esteja mentindo, ou mesmo que suas lembranças estejam erradas, afinal, as lembranças são suas e ninguém tem o direito de questioná-las, a não ser o próprio indivíduo. Nesse sentido, Edgar reproduziu as lembranças de seus companheiros com respeito e lealdade. Entretanto, no momento em que resolveu colocar suas próprias lembranças no papel, não recebeu o mesmo respeito.

Suas experiências pessoais diferenciam-se dos outros volumes de sua obra por serem essencialmente ancoradas na percepção íntima dos acontecimentos. Isso não significa que sejam menos válidas, mas apenas que se trata de um material diferente, que deve ser encarado com um olhar diferente.

Classificar suas memórias de “mentiras” como vem sendo feito sistematicamente por setores do movimento, que personalizam a discussão, constitui uma clara demonstração de que existe uma linha muito tênue entre a ignorância e a má fé. As questões pessoais entre os militantes deveriam ser resolvidas no âmbito pessoal, em que pese o fato de que Edgar sempre esteve disponível para o debate e essas mesmas pessoas que hoje dão “enquadradas” em seus defensores jamais se apresentaram para encará-lo de frente. Por que será?

Anna Gicelle Garcia Alaniz é Doutora em História Social pela USP, Pós-doutora em Filosofia da Educação pela UNICAMP e Membro do CCS.

Nada mais estranho para uma casa célebre por seus catadores de papéis como, Edgar Leurenroth, Edgar Rodrigues, Antônio Martinez, dentre outros, que fizeram e conservaram a história do movimento anarquista, através de documentos escritos, coletando e fazendo arquivos, recolhendo, catalogando, disponibilizando, estudando e divulgando as ideias batidas em tantos papéis. Que teve em seus quadros os editores de *A Plebe* e *A Lanterna*. Que teve em seu endereço a sede dos jornais anarquistas *O Libertário* e *Dealbar*. Ficar o CCS sem esse papel seria um contrassenso.

Pois bem, remediemos então! O boletim do CCS volta a ser editado, com previsão de ser trimestral. Divulgar sua programação, registrar de forma indelével, a salvo das leituras dispersas e dos backups perdidos, sua opinião (ou opiniões - que seja!), divulgar textos de interesse do anarquismo, resgatar escritos de outras épocas noutros papéis. Sem a pretensão de tornar o papel mais importante que o registro eletrônico, mas fazer diferenciar-se dentre a imensa nuvem a qual se tem acesso todos os dias. Por mais que a velocidade urja, nem sempre o ideal cabe em 144 caracteres.

Sem deixar de utilizar-se dos bem-vindos meios eletrônicos, até mais que antes, diríamos, esperamos que o retorno da versão impressa dê essa marca pretendida, faça valer a pretensão de ser mais uma via de divulgar o CCS e o anarquismo.

Que cumpra o seu papel

Expediente

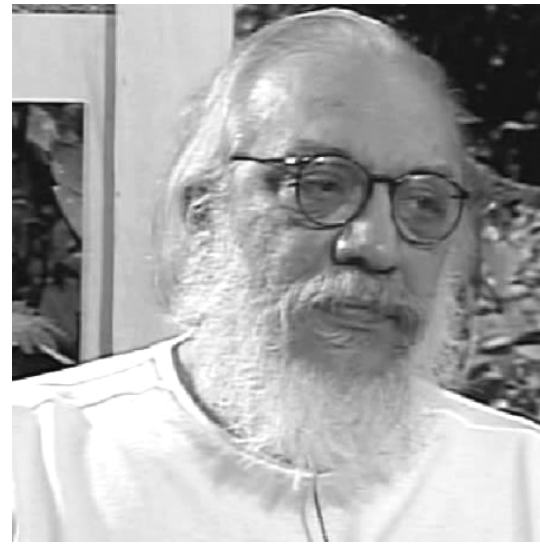
Boletim informativo do Centro de Cultura Social nº32 – 1º trim 2015

ISSN: 1983-4691.

Fizeram esse número: Rodrigo Rosa, Antônio Carlos, Fabricio Martinez, Douglas Boni, Marcolino Jeremias, Eduardo Dezena, Anna Gicelle e Nilton Melo. Textos para publicação: Enviar para o endereço eletrônico do CCS com até duas laudas, para análise e posterior aprovação.

ADEUS A ROBSON ACHIAMÉ

Por Maria Oly Pey



Robson Achiamé Fernandes nasceu em Colatina, interior do Espírito Santo em 31 de janeiro de 1944, mas de menino foi morar no Rio, graças a visão arguta de sua mãe, dona Mercedes, costureira pobre que queria dar a melhor educação para o filho que adorava. Robson passou nos exames para o Colégio Pedro II, e interno, brilhou pela inteligência e pelas diabrices que aprontou.

"Dona Mercedinha..." como ele dizia, também adorava a mãe, e suas habilidades ímpares na cozinha de quem aprendeu a ser um glutão contumaz. Aos 14 anos já dividia as férias escolares, trabalhando com um velho gráfico que o iniciou nestas atividades, e grupos de jazz, uma de suas paixões musicais, tanto quanto Villa-Lobos.

Formado em Literatura, outra paixão, em especial a poesia de Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, de Mario Benedetti ao outro Mario, o Quintana, foi trabalhar como professor de literatura em Cursos pré vestibular para sustentar uma família já com dois filhos nascidos: Bernardo e Marcelo Schwenck.

Fez-se também jornalista e, graças à amizade com Luiz Alberto B.L. Sanz, comunista libertário de muitas luzes e solidariedade, acabou substituindo o

amigo, que passara à clandestinidade, na Fundação Getúlio Vargas. Aí dirigiu inúmeras publicações, já amante da anarquia, velho conhecimento/ sentimento/ paixão desde os tempos de jovem defensor do amor livre e contestador do casamento burguês.

O sonho de ser editor, independente de padrões realizou-se na década de 80 quando publicava obras ligadas aos interesses de acadêmicos brasileiros que buscassem espaço no mercado editorial e cuja poesia, literatura ou tese a Editora Achiamé considerasse digna de publicação. Nesse afã empenhou vida, trabalho e sonho, não mediou esforços.

Amante incondicional da beleza feminina, muitos foram os amores, entre os quais uma mulher se destacou: Eloisa Helena Riani, levada muito cedo, em 1989, aos 44 anos, do convívio de quem amou e foi amada intensamente.

Em 94, depois de sofrer percalços na vida privada e comercial, tais como sofre um anarquista que põe a solidariedade e o desinteresse pelos bens materiais acima de qualquer coisa, optou por publicar anarquismos de todos os matizes, uma editora postal, sem cnpj, inspirada pelo amor à divulgação do pensamento libertário pelo Brasil afora, um trabalho solitário de militante anarquista atrás de uma mesa de editor. Foi assim que Robson Achiamé tornou-se o maior divulgador do pensamento libertário no Brasil, enviando caixas e caixas de material gratuitamente, ou a preço mínimo, para garantir que a palavra libertária chegasse a todos quantos desejassem conhecê-la, e por cartas mantinha contato com centenas de interessados.

Pessoalmente, nos conhecemos no ano 2000, no âmbito do Encontro Internacional de Cultura Libertária, que eu organizara na UFSC, e para o qual o convidara. Era uma presença forte, mas discreta e de poucas palavras, ainda assim não conseguindo passar despercebida. Um lutador aguerrido na divulgação do pensamento, práticas e vida anarquistas que, nos quesitos solidariedade e generosidade não encontrei paralelo.

A editora Achiamé que surgira acadêmica, já se tornara alternativa para publicações de cunho libertário, mais de 280 títulos, e a Revista Letra Livre, publicada até o número 50. Período de muitas decepções, traições e desencantos, não o fizeram desacreditar na capacidade humana de querer bem sem interesse, mas foram deixando sequelas graves no coração de um grande homem imenso, que não queria parar de editar, e o fez até bem pouco tempo antes de sua morte em 9 de novembro de 2014, em Santo Amaro da Imperatriz, Santa Catarina, onde vivíamos um "amor tardio", como ele dizia, tão libertário e libertino, tão intenso como intensos, felizmente, sempre fomos.

O legado de Robson é também grande, e continuamos mantendo vivo e em circulação seu trabalho, através de suas últimas iniciativas que continuavam a vingar também em Santa Catarina: Loja e Estante Virtuais.

Deixou dois netos, Danilo e Isabela, filhos de Viviane e Bernardo, além da casinha que construíamos na zona rural, que traduz a sua história, e guarda o seu acervo. Deixou também um cãozinho vira-latas, Joca, que continuava a sentir seu cheiro nas nossas coisas comuns, balançando o rabo, bem depois de seu desaparecimento.

Estava lendo novamente Moby Dick, quando faleceu. Na estante de livros do seu quarto duas mulheres em destaque: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura. Ouvia as Baquianas Brasileiras do Villa...sentava frente às fotos de índios, fruto de um projeto em comum com Darcy Ribeiro... Lembrava e convidava amigos para visitá-lo, grupos e gentes com quem partilhou lutas e ideais de amizade desinteressada, justiça social, fusão e difusão de todas as anarquias: Núcleo de Sociabilidade Libertária, (Nu-Sol); Centro de Cultura Social (CCS-SP); GEAPE, FARJ...tantos, não daria nomeá-los todos. Recitava o favorito Drummond para mim:

*Quando eu nasci, um anjo torto,
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.*

....

*Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo*

*seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo, mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.
Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo".*

Sua última atividade culinária foi fazer cachorro quente para Maria Eduarda, 8 anos, filha da Leane Weiss Meinchein, que em SC tornou-se sua auxiliar nas atividades profissionais, e continua, auxiliada pelo marido Filipe, e pelos ex últimos e queridos funcionários do Rio, Rute Alves de Souza e Alberto José Ferreira da Silva, quando ainda morava na Tijuca, e solitário comandava exércitos alados de letras livres do anarquismo pelo país inteiro.

Nossas paixões, um pouco mais ao sul do Brasil, vividas nos derradeiros tempos: os pássaros livres, a celebração do corpo e da alma amantes, o cinema alternativo, ainda e sempre a índole anárquica de sentir e viver, a www.achiamé.com que hoje continua divulgando, e oferece para leitura digital, além de vender impressos os títulos Achiamé, os planos e projetos...do futuro...Achiamé vive.

* Robson Achiamé, editor da Editora Achiamé e membro do CCS, faleceu em 09/11/2014 em Santa Amaro da Imperatriz, Santa Catarina.

Maria Oly Pey é professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, escreveu e organizou várias publicações sobre pedagogia libertária.

ADEUS A MANOEL RAMOS Por Marcolino Jeremias



Somente em novembro de 2014, ficamos sabendo do falecimento do companheiro Manuel Ramos, ocorrido no dia 10 de Dezembro de 2013, ou seja, só tivemos conhecimento da notícia quase um ano depois. Manuel Ramos vivia sozinho no Rio de Janeiro (sua companheira havia falecido precocemente, pelo que eu fiquei sabendo) e isso, de certa forma, explica essa notícia ter demorado tanto em nos chegar. Lembro que da última vez que liguei para ele (uns 5 anos atrás ou mais), ele estava com uma voz muito cansada e logo pediu para desligar o telefone. Fiquei sem jeito de ligar outras vezes, com medo de incomodá-lo.

Para quem não sabe quem foi ele, segue uma breve biografia.

Manuel dos Santos Ramos nasceu em Alentejo (Portugal) em 1928, aos 13 anos mudou-se para Lisboa, onde trabalhou como aprendiz de carpinteiro, depois como empregado em mercearia e, por fim, como escriturário. Em Julho de 1954, aos 25 anos, mudou-se para o Brasil, onde trabalhou como guarda-livros.

Em 1956, convidado pelo militante comunista português Vitor Ramos (que na época morava no Brasil), foi um dos fundadores do jornal "Portugal Democrático" (que existiu de 1956 à 1975), e tinha como principal objetivo denunciar os crimes da ditadura de Salazar (Portugal) no Brasil.

Por volta de 1958, através da distribuição do jornal "Portugal Democrático" conhece o militante anarquista português Roberto das Neves, que na

época organizava a Editora Germinal e também era um ativo militante contra o regime ditatorial de Salazar. Desde essa época, inicia a sua militância anarquista, colaborando com as atividades do Centro de Estudos Professor José Oiticica (C.E.P.J.O.; 1958 – 1969), chegando a fazer parte da diretoria do mesmo, juntamente com sua companheira, Victória Ramos.

Juntos vão atuar com militantes anarquistas que viviam no Rio de Janeiro nesse período, tais como: Fernando das Neves, Afonso Vieira, Francisco Viotti, Seraphim Porto, Diamantino Augusto, Edgar Rodrigues, Esther Redes, Ideal Peres, Manoel Mattos, Enio Cardoso, Raul Vital, Germinal Bottino, entre outros...

O Centro de Estudos Professor José Oiticica teve uma atuação anarquista durante doze anos consecutivos (cinco deles sob a repressão da ditadura militar brasileira, 1964-1985), até ser invadido, assaltado e fechado pelas forças armadas. Militantes anarquistas foram presos, acusados e denunciados. O processo durou até 30 de novembro de 1971 e Manuel Ramos foi um desses anarquistas processados. Em 1977, Manuel Ramos e Victória Ramos, fizeram parte do grupo libertário que ajudou na reativação da Editora Mundo Livre, iniciando esse trabalho com o lançamento do livro "Trabalho & Conflito: As Greves Operárias (1900 – 1935)" de autoria de Edgar Rodrigues. Nesse mesmo período, ainda durante a ditadura militar, Manoel Ramos distribuía o jornal anarquista "O Inimigo do Rei" (1977-1988), em cerca de 30 bancas de jornal no bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro.

Conheci pessoalmente o companheiro Manoel Ramos, quando ele já tinha mais de 70 anos. Cheguei a trocar algumas cartas e livros com ele.

Nessa última fase de sua trajetória, Manuel Ramos esteve colaborando bastante com o Centro de Cultura Social de São Paulo e também com a Sociedade Naturista Amigos de Nossa Chácara (SNAC).

Ele participou do lançamento do livro "Rebeldias – Volume 3", em 2005, no Centro de Cultura Social de São Paulo. E nesse mesmo ano pude fazer uma entrevista com ele no Rio de Janeiro, em sua casa. Além de outros encontros que tivemos.

Manuel Ramos deixa um grande vazio no movimento libertário & um belo exemplo a ser seguido!!!

Marcolino Jeremias é integrante do Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri (Guarujá-SP), editor da Editora Opúsculo Libertário, pesquisador do movimento anarquista no Brasil e membro do CCS

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

21/02/15, sábado às 16h

Debate "Escola enquanto espaço de resistência" com **Antônio Carlos de Oliveira**, professor de história, membro CCS, autor do livro "Projetos pedagógicos, práticas interdisciplinares".

01/03/15, domingo às 16h

A Biblioteca Terra Livre/CCS convida para exibição do curta "Isto é Atenas" (12 min.) seguida de debate com **Antonis Vradis** (Grécia) sobre a atual situação política da Grécia.

07/03/15, sábado às 16h

Debate "Importância do Kropotkin e Tolstói na crítica ao ensino de Geografia" com **Amir El Hakim** (professor de Geografia - UNESP)

29/03/15, domingo às 16h

Aula-teatro "Emma Goldman, uma vida libertária", escrita e interpretada por **Cibele Troyano**, seguida de debate com os presentes.

A programação do restante do trimestre estará disponível em breve na página do CCS na internet (www.ccssp.org). Confiram!